

Brasil e credores ainda sem acordo

Consultas podem adiar anúncio oficial do acordo entre o Brasil e os credores. Mas Milliet garante que já está tudo acertado

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

Washington — O acordo entre o Brasil e seus credores, que era considerado iminente, anteontem, está dependendo de consultas que alguns negociadores estrangeiros estão fazendo em seus países, como o Japão, a Alemanha, a França e a Suíça.

“Eles têm que consultar”, explicou o enviado especial do ministro Bresser Pereira aos Estados Unidos, Fernão Bracher, na tarde de ontem, voltando para a mesa de negociações. “Esta é que é a dificuldade. Por isto que demora tanto. O presidente de um está no Japão. O de outro, na Alemanha. Os fusos horários são diferentes. Há uma grande dificuldade neste sentido.”

Concordando com Fernão Bracher, o porta-voz do Comitê dos Bancos Credores já descartava, desde cedo, ontem, a hipótese de algum anúncio oficial, para o final do dia, como ocorreu anteontem, quando foi provocada muita expectativa em torno de um acordo iminente, que era esperado, também, pelo próprio governo norte-americano.

Quando Fernão Bracher surgiu nas esquinas das ruas Lexington e 33, em Manhattan, em Nova York, às

4 horas da tarde fria de ontem, a pergunta que os repórteres lhe repetiam era sobre o acordo iminente. “As autoridades norte-americanas deram as bases nas quais julgamos que possa se chegar a um entendimento razoável, para se chegar aos fins que desejam. Nós estamos colocando nosso posicionamento, e eles têm então de consultar suas bases.”

— Estas consultas podem terminar quando?

“ Não sei. Não podem demorar muito. Sei lá... Até o fim da semana, uma coisa assim.”

Fernão Bracher passou parte da manhã nos escritórios de advocacia Arnold e Porter, quando teve um contato telefônico com o ministro Bresser Pereira, e depois foi para a primeira rodada de negociações no



Bracher: “Não deve demorar”

escritório de advocacia Shearman e Sterling. Entre os dois lugares, está o prédio do Citicorp, o maior credor do Brasil. A *O Estado* e ao *JT* ele explicaria que a ausência de um acordo, anteontem, que ele próprio não esperava, e que foi previsto pelo lado norte-americano, não significa que as negociações não estejam indo bem. Pelo contrário, como acrescentou, “estamos fazendo progressos”.

O Comitê dos Bancos Credores — Citicorp, BankAmerica, Banker's Trust, Chase Manhattan, Chemical, Manufactures Hanover, J. P. Morgan, Arab Banking, Bank of Mon-

tre, Bank of Tokyo, Credit Lyonnais, Deutsche Bank e Union Bank da Suíça, além de representantes do FMI e bancos centrais de alguns países — começou sua reunião às 10h30, mas os brasileiros só chegaram por volta de 11h30, com Fernão Bracher se retirando às 14h30 prometendo voltar uma hora depois. Não quis dizer para onde ia, mas estava animado.

Quando Bracher voltou, respondendo algumas perguntas, ele corrigiu uma notícia publicada pelo *Wall Street Journal* que dizia que o Brasil tinha de concordar com um programa econômico do FMI, segundo uma cláusula do plano do Federal Reserve e do Departamento do Tesouro que está em discussão. “Não. A idéia é a de que, se o Brasil for ao FMI, e quando ele for, será independentemente dos bancos. Não tem nada a ver com os bancos”.

Um dos negociadores brasileiros explicaria: “Estamos amarrando tudo agora, mesmo os princípios das negociações posteriores, num pacote só”, justificando assim a maratona de negociações iniciada há 12 dias. Para ele, um acordo já está “ao alcance das mãos, mas ainda dará algum trabalho”.

Circulou o rumor de que Fernão Bracher poderia voltar ao Brasil antes de concluir o acordo iminente que se anunciou anteontem. “Eu devo ir ao Brasil e voltar, porque também já tem um bocado de tempo que estou aqui”, confirmou, sem no entanto, marcar nenhum dia para seu embarque.